

O ACERVO DO ESCRITOR E SEU ITINERÁRIO (AUTO)BIOGRÁFICO

Patricio Nunes Barreiros*

Resumo: Trata-se de um estudo acerca do acervo de Eulálio Motta e do potencial dessa documentação para compreender as estratégias de produção do eu. A pesquisa está subsidiada nas abordagens das práticas sociais da escrita de si (GOMES, 2004; FOUCAULT, 1992); do arquivamento do eu e da construção de si (HEYMANN, 1997; ARTIÈRS, 1998); dos mecanismos utilizados pelos sujeitos para forjarem suas identidades (RICOEUR, 2007; BOURDIEU, 2006); pelos estudos acerca dos arquivos de escritores (BORDINI, 2005; VENÂNCIO, 2004); e pelas reflexões de Nora (1993) acerca dos lugares de memória.

Palavras-chave: Acervos. (Auto)biografia. Eulálio Motta.

INTRODUÇÃO

■ **E**ulálio de Miranda Motta nasceu em 1907, na vila Alto Bonito, em Mundo Novo (BA) e faleceu em Salvador em 1988. Durante sessenta anos, ele arquivou um volume de documentos relacionados à sua vida pessoal e, principalmente, às atividades que desenvolveu enquanto escritor, jornalista e político. Esse acervo foi cedido pelos familiares do escritor para a pesquisa que está sendo desenvolvida desde 1999, no âmbito da Universidade Estadual de Feira de Santana. A documentação inclui manuscritos avulsos, cadernos com textos inéditos, rascunhos de obras publicadas, diários, cartas, postais, fotografias, a biblioteca do escritor, diplomas, datiloscritos e objetos pessoais como a máquina de escrever.

O estudo sistemático do acervo tem revelado as múltiplas identidades do escritor, que, às vezes, adotava o pseudônimo Brás Cubas. Ironicamente, somente

* Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs) – Feira de Santana – BA – Brasil. E-mail: patriciobarreiros@hotmail.com

depois de sua morte e através dos documentos de seu acervo foi possível ter uma dimensão de sua atuação enquanto escritor, jornalista, político e intelectual. Eulálio Motta não se casou, não teve filhos, os seus irmãos já faleceram e os parentes e amigos sabem muito pouco sobre a sua vida. Por isso, o acervo pessoal é uma fonte privilegiada de informações, assumindo o lugar da memória de onde emanam as múltiplas identidades do escritor.

O ACERVO DO ESCRITOR: MEMÓRIA, IDENTIDADE E PRODUÇÃO DO EU

*Um presente que o acaso me deu...
Já não me lembro mais. Há tanto tempo...
Entretanto, agora, olhando este retrato [...] pude reconhecê-la e me lembrar de tudo!* (MOTTA, 1933a, p. 14-15).

[...] "Recordar é viver." Será? Recordar não será sofrer? Sua carta me fez reviver o Ginásio Ipiranga com Liota sonhando e escrevendo para as colunas de "Mundo Novo". [...] Meu caro que Deus lhe pague este presente que mexeu muito com esta emotividade que os janeiros acumularam em mim... (MOTTA, 1978a, f. 11vº e f. 12rº).

Nos fragmentos destacados acima, a carta e a fotografia estabeleceram uma relação com o passado através da reminiscência, evocando experiências já esquecidas, reativando a memória. A carta e a fotografia foram elevadas à categoria de lugar de memória e tiveram a capacidade de estabelecer uma relação afetiva com o sujeito que se reconheceu num passado.

Segundo Marshall McLuhan (2007 [1969]), no decorrer da história, o homem desenvolveu tecnologias correspondentes à extensão de seu próprio corpo, com o objetivo de suprir suas faculdades essenciais. O telefone, por exemplo, é uma extensão da voz, o binóculo a extensão dos olhos, os automóveis extensão das pernas. Seguindo essa lógica, a memória, enquanto faculdade humana, passou a ser confiada aos objetos, à palavra escrita, às fotografias, aos edifícios etc. Assim, o homem desenvolveu práticas cotidianas de arquivamento de suas memórias, escrevendo diários, guardando papéis, fotografias e toda sorte de objetos nos quais ele se reconhece, contribuindo para moldar a sua identidade.

Para evocar as memórias do escritor Eulálio Motta, recorreu-se ao seu acervo pessoal, que corresponde a documentos diversos arquivados pelo próprio escritor durante mais de sessenta anos. Nesse caso, o acervo pode ser considerado como a extensão de sua memória, sendo capaz de representá-lo, construindo uma imagem de si.

O sujeito que constitui um acervo é capaz de recordar a história de cada um dos artefatos que guardou e explicar seus significados peculiares. Bastaria folhear as páginas de um álbum de fotografias ou reler anotações, para recordar os acontecimentos ali registrados. No entanto, nem sempre se pode contar com a presença daquele que compôs o acervo. Na sua ausência, cabe ao pesquisador tecer o fio narrativo de uma história baseada nos fragmentos de memória que emanam da documentação. Mas, de acordo com Sandra Pesavento (2005), o passado não pode ser apreendido em sua totalidade e, por isso mesmo, somente se chega a ele através da representação, que é

[...] fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. [...] não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele. [...] envolve processo de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão (PESAVENTO, 2005, p. 40).

A representação do passado somente se efetiva através da linguagem, da elaboração de uma narrativa que se associa à ideia de reconstituição e de explicação do vivido. É assim que as experiências concretas podem ser transmitidas e apreendidas pelo outro. São as narrativas, enquanto discursos construídos, que permitem ao sujeito comunicar suas impressões do passado.

Os objetos não falam por si, eles se tornam lugares de memória para uma coletividade quando estão associados a uma narrativa (escrita ou oral) que pode ser transmitida. A relação entre o sujeito e os objetos é uma experiência individual e, para que essa experiência seja compartilhada, faz-se necessária a constituição de uma narrativa. Segundo Paul Ricoeur (1994), as narrativas passam a representar o acontecido e por isso não se pode deixar de considerar a presença do ficcional operando em sua constituição. Por mais que se busque a verdade, em toda narrativa há sempre inventividade e subjetividade.

Ao ordenar os acontecimentos da vida de Eulálio de Miranda Motta, com o intuito de compor uma narrativa que expresse sua história, tem-se a consciência de que se alcança apenas uma, dentre as várias formas de representar a história do escritor. Além disso, sabe-se que a vida do sujeito não é linear e ordená-la numa narrativa é uma transgressão de sua própria natureza fragmentada.

Segundo Huyssen (2004), as sociedades vivem seduzidas pela memória e, com isso, criou-se um fetiche em torno de artefatos capazes de evocar um tempo que já não existe. Arquivar papéis, fotografias e toda sorte de vestígios do passado é uma prática social incorporada ao cotidiano, à vida ordinária, com o intuito de garantir o acesso às lembranças que são fundamentais na construção das identidades. Para Pierre Nora (1993, p. 15),

Hoje onde historiadores se desprenderam do culto documental, toda a sociedade vive na religião conservadora e no produtivismo arquivístico. O que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de lembrar. A “memória de papel” [...] medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe de que tribunal da história.

Os povos que não se preocuparam com o estabelecimento de lugares de memória e não criaram estratégias de preservação material das lembranças dos acontecimentos tornaram-se vulneráveis aos processos de dominação. A ameaça da perda da identidade é que impulsiona o desejo de preservar as lembranças. Segundo Norbert Elias (1994 [1987], 2011 [1939]), as comunidades tribais isoladas não sentiram essa necessidade porque não se viam ameaçadas. Ao ser dissolvida a unidade grupal, perdiam-se os mecanismos de ativação do passado. Quando os sujeitos arquivam objetos com o intuito de preservar as lembranças,

a desestruturação do grupo não impede que cada indivíduo mantenha seus arquivos e, com isso, conservam viva a memória.

Assim, a memória que emana dos arquivos pessoais difere daquela ancestral (tribal), que tem como referência o sujeito e os ritos coletivos. As comunidades tribais não dependem de uma mediação interpretativa (um discurso histórico) para recordar os acontecimentos, porque a sua memória é espontânea, atualizadora, homogênea, sem rupturas e se efetiva em rituais coletivos nos quais os indivíduos vivenciam as experiências (NORA, 1993). Segundo Ricoeur (2007), a memória das sociedades ditas civilizadas é fragmentada, configurando-se como vestígio e trilha que conduzem a uma representação do passado, dependente de uma narrativa (uma história) que seja capaz de acioná-la, restabelecendo, através da linguagem, o diálogo entre o presente e o passado.

Quanto menos a memória é vivida de forma espontânea, mais ela precisa de suportes discursivos e de referências sensíveis que possam representá-la. Segundo Nora (1993, p. 13-14):

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. [...] se [...] a história não se apoderasse deles [dos lugares de memória] para deformá-los, transformá-los, salvá-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. Tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória mas já história. Tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade de história.

A identidade do sujeito corresponde à autopercepção em relação ao entorno social, ou seja, é no confronto com outras identidades que ele (o sujeito) afirma a sua. Assim, os indivíduos sentem-se impelidos a compartilhar suas lembranças para se reconhecerem como parte de um grupo. A memória, nesse caso, é associada à percepção de pertencimento a um mundo que engloba e constitui o sujeito (RICOEUR, 2007).

Os lugares de memória, instituídos e mantidos por cada um, conservam não apenas as características do indivíduo, mas também refletem a coletividade, porque dentre os inúmeros lugares de memória possíveis, o sujeito utiliza aqueles que ele julga representá-lo. Além disso, muitos objetos que o sujeito escolhe para representar a sua identidade têm existência no mundo social e são compartilhados por outras pessoas.

É no jogo dialético entre lembrança e esquecimento, memória individual e coletiva que o sujeito constrói identidades para si, buscando ordenar os acontecimentos vividos ou sonhados numa imagem de si que deseja ser plenamente unificada e coerente. Os álbuns de fotografias, os diários íntimos, as cadernetas de anotações e o arquivamento de papéis são práticas culturais que operam na conservação da memória e na tentativa de se construir uma identidade. Através desses instrumentos memorialísticos, o sujeito reclama para si uma imagem que julga verdadeira, ordenando os objetos de modo linear, como normalmente se faz com os álbuns de fotografia.

Essa busca por unidade e coerência na forma de conceber a vida é o que Bourdieu (2006) chamou de “ilusão biográfica”, refutando a ideia de que a vida

possa ser ordenada de forma linear e harmonicamente coerente. Para o sociólogo francês, o nome próprio é a única constância na vida do sujeito, tudo o mais sofre flutuações ao sabor dos ventos que o cotidiano sopra constantemente, confirmando que a identidade absolutamente integrada e coerente é uma quimera (BOURDIEU, 2006, p. 189). Isso leva à constatação de que o sujeito não possui uma única identidade, mas um conjunto de características que variam ao longo do tempo.

Stuart Hall (2006) considera que, no âmbito da sociedade pós-moderna, as transformações das últimas décadas afetaram as identidades pessoais, ocasionando a perda de um “sentido de si”, descentrando os indivíduos, tanto de seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmos, instituindo uma “crise de identidade”. Por isso, mais do que nunca, os indivíduos são instigados a edificar lugares de memória, voltados para a preservação do passado ou, pelo menos, “de um passado”, com a finalidade de construir uma identidade para si.

Dentre as práticas de preservação da memória estabelecidas nas sociedades letradas, a escrita ocupa lugar de destaque, pelas inúmeras possibilidades que oferece. No célebre diálogo entre Sócrates e Fedro, Platão (2000, [sec. III a.C.]) já observava essa relação entre escrita e memória. Ao tentar convencer Fedro sobre os perigos da escrita para a memória, Sócrates narra a lenda de um antigo deus egípcio chamado Thoth, inventor da escrita, que, ao encontrar o rei Ámon, apresentou a sua invenção:

Eis, oh Rei, uma arte que tornará os egípcios mais sábios e os ajudará a fortalecer a memória, pois com a escrita descobri o remédio para a memória. [diz o rei] [...] Ela [a escrita] tornará os homens mais esquecidos, pois sabendo escrever, deixarão de exercitar a memória, confiando apenas nas escrituras, e só se lembrarão de um assunto por força de motivos exteriores, por meios de sinais, e não dos assuntos em si mesmos. Por isso não inventaste um remédio para a memória, mas sim para a rememoração. Quanto à transmissão do ensino, transmites aos teus alunos, não a sabedoria em si mesma mas apenas uma aparência de sabedoria [...] (PLATÃO, 2000 [sec. III a.C.], p. 121).

A escrita não é a memória viva, mas ela tem a capacidade de recordar, de evocar as lembranças, de funcionar como reminiscência e como garantia de ter acesso a uma aparência da verdade do passado, de ser um lugar da memória. Pode-se dizer que a profecia do rei egípcio cumpriu-se, os homens passaram a confiar na escrita a ponto de a utilizarem para tratar não apenas das coisas exteriores, mas também de si mesmos.

Segundo Foucault (1992), a construção da subjetividade relaciona-se às práticas de escrita desde a antiguidade. No ensaio intitulado *A escrita de si*, Foucault (1992) toma como exemplo um texto antigo da literatura cristã do século IV, *Vita Antonii*, de Atanásio, com o intuito de demonstrar que o registro escrito das ações e pensamentos cumpria a função de arma e combate espiritual. Ao escrever os pensamentos e ações, estes não seriam esquecidos, mas convertidos em objeto de reflexão. Assim, o sujeito poderia reler suas anotações, avaliar seus pensamentos e atitudes.

Para Foucault (1992), esse conjunto de características manifesta-se em duas formas de escrita praticadas entre o público culto da cultura greco-romana do século I e II, que são os *hypomnemata* e a correspondência. Os *hypomnemata*

eram cadernetas individuais nas quais se anotavam citações, fragmentos de obras, reflexões ou pensamentos ouvidos, eram tesouro acumulado para a releitura e meditação posteriores (FOUCAULT, 1992, p. 136).

Ainda que a escrita de si exista desde a antiguidade, como sinaliza Foucault (1992), foi somente a partir do século XVIII que ela se propagou no mundo ocidental, motivada pela popularização da leitura e da escrita como prática extensiva ao cidadão ordinário. Segundo Chartier (2001), no século XVIII, a leitura silenciosa e a escrita confessional manuscrita passaram a ser utilizadas largamente, convivendo com a crescente circulação dos textos impressos através dos jornais.

As relações que se estabelecem entre os indivíduos e seus documentos também se configuram como uma forma de produção do eu e estão incorporadas às práticas sociais do cotidiano (GOMES, 2004). Para Philippe Artières (1998, p. 11-12),

[...] o anormal é o sem papel. O indivíduo perigoso é o homem que escapa ao controle do gráfico. [...] a escrita está em toda parte: para existir, é preciso inscrever-se nos registros civis, nas fichas médicas, escolares, bancárias. [...] Passamos assim o tempo todo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem, para nós e às vezes para os outros. [...] O indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida.

Os sujeitos sentem a necessidade de manter os registros de suas vidas como uma imposição social, não somente como um meio de instituir uma identidade, mas para garantir seus direitos civis e políticos. Isso contribuiu de forma expressiva para que os espaços privados das casas e dos gabinetes de trabalho fossem transformados em teatros da memória, onde se materializam os acervos pessoais e se evidenciam as histórias dos indivíduos, de seus familiares e dos grupos a que pertencem (GOMES, 2004). Por isso, os acervos estão necessariamente vinculados à vida, por suas travessias sinuosas, trazendo as marcas dos acontecimentos individuais e coletivos.

Os acervos pessoais inscrevem-se como labirintos a serem explorados e por isso, ao estudá-los, é preciso tomar algumas precauções. Primeiro, deve-se compreender que as fontes preservadas nos acervos não traduzem a realidade absoluta dos acontecimentos. Na documentação dos acervos estão encenadas as identidades dos sujeitos que os constituíram e emerge a intenção de construir uma imagem para si.

O acervo enquanto fonte é representação e por isso precisa ser interpretado, lido. Segundo Giselle Venâncio (2004, p. 112), cada documento do arquivo pessoal torna-se um desafio, um objeto singular a ser decifrado, tanto em suas condições de produção, quanto na sua organização discursiva.

Quando um indivíduo propõe-se a escrever suas memórias, um diário íntimo, uma autobiografia ou decide colecionar fotografias, guardar papéis, rascunhos, recortes de jornais, cartas etc., ele está deliberadamente compondo uma imagem de si que pretende conservar para a posteridade. Esse não é um ato inocente, muito pelo contrário, trata-se de uma forma de manipular a realidade, tendo em vista um futuro leitor, evidenciando o desejo de ser lembrado (FRAIZ, 1998).

Assim, o volume de documentos acumulados ao longo da vida não corresponde à memória viva, tal qual a realidade, mas à memória selecionada, manipulada em função de interesses específicos. Isso não tira os méritos da documenta-

ção como fonte para se conhecer a biografia do seu titular, muito pelo contrário, essa memória documental é imprescindível para se vislumbrar a história de vida do sujeito. Esses documentos são o resultado de uma triagem feita por um indivíduo mediante algum critério que varia ao longo do tempo. Portanto, o estudo sistemático dessas fontes pode revelar importantes dados históricos.

Segundo Luciana Heymann (2005, p. 5) não se deve apenas analisar as histórias que os acervos contam, mas investigar as histórias que eles encerram em si mesmos, suas dimensões textuais e simbólicas, seu significado e lugar de encontro entre culturas, entre saberes. Num acervo pessoal é comum encontrar uma grande variedade de documentos relacionados à vida íntima, intelectual, profissional, política e cultural de uma pessoa. Embora cada documento tenha sua própria história e mantenha um tipo específico de relação com o titular, é preciso considerar o acervo em sua totalidade como uma “obra” em que o titular atuou como “autor-editor”, produzindo uma imagem de si que pode ser dada a ler por um terceiro.

Para Philippe Artières (1998, p. 11), “[...] arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”. Independentemente da condição social e do ofício do sujeito, os documentos que compõem os acervos pessoais trazem sempre as marcas da subjetividade e “[...] uma intenção autobiográfica” (ARTIÈRES, 1998, p. 11). Por isso mesmo os acervos pessoais podem ser considerados como uma forma de escrita de si.

O acervo do escritor Eulálio de Miranda Motta pode ser entendido como uma modalidade de produção do eu, capaz de esboçar os itinerários daquele que se arquivou, configurando-se como lugar privilegiado de suas memórias. Esse acervo revela as identidades do escritor e esboça também o quadro sócio-histórico das práticas culturais de leitura e de escrita de um sujeito que atuou num tempo e lugar específicos (século XX no interior da Bahia).

O acervo de Eulálio Motta constitui-se de documentos acumulados pelo próprio escritor entre 1923 e 1988. Esse acervo compõe-se de materiais heterogêneos, incluindo rascunhos e esboços de obras inacabadas, manuscritos e datiloscritos de textos editados e inéditos, diários íntimos, cadernos de anotações diversas, correspondências, fotografias, documentos de identificação, diplomas, esboços de projetos editoriais, coleções de jornais e panfletos, parte da biblioteca particular além dos instrumentos de trabalho, como a sua máquina de escrever. Pela natureza da documentação, esse rico acervo pode ser “lido” como um projeto autobiográfico, revelando-se como um caleidoscópio de onde se projetam diversas imagens do escritor.

O exame do acervo e da produção intelectual de Eulálio Motta demonstra que o escritor consultava constantemente o material arquivado, utilizando os documentos como fontes para a elaboração de novos textos ou para planejar novas publicações. Isso indica que o acervo tinha uma funcionalidade prática, relacionada a suas atividades como escritor, não se tratava apenas de uma coleção de lembranças do passado.

Eulálio Motta como personagem de si

[...] a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e em sangue” [...] Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de ações racionais. [...] o escritor construiu a sua própria identidade mediante essa relação das coisas ditas (FOUCAULT, 1992, p. 143-144).

O acervo de Eulálio Motta corresponde ao teatro de suas memórias, no qual o escritor esboçou diversas imagens de si, dentre as quais se destaca a figura do escritor (lírico, cordelista, trovador, cronista, contador de histórias e panfletário engajado em diversas causas). Nota-se que o grande projeto de vida de Eulálio Motta foi tornar-se conhecido como escritor e, para concretizar esse objetivo ele não mediu esforços, escrevendo uma literatura com características autobiográficas que se encontra inédita ou fora de circulação, preservada apenas em seu acervo pessoal.

Nesse sentido, o acervo investe-se de um poder arcôntico, como diz Jacques Derrida (2001), fonte única, capaz de evocar o autor e sua obra, lugar de auto-ridade com força de lei e de resistência. É a documentação do acervo que permite conhecer o escritor e seus projetos políticos e literários. A seguir, destacam-se algumas das faces de Eulálio Motta que se pôde depreender a partir da análise do seu acervo.

A diáspora do escriba da roça¹: da vila do alto bonito à capital

O escritor baiano Eulálio de Miranda Motta nasceu em 15 de abril de 1907, na vila Alto Bonito, no município de Mundo Novo (BARREIROS, 2012). A infância no arraial e na Fazenda Morro Alto marcou o imaginário do poeta, que, em seus versos, cantou as lembranças das brincadeiras no terreiro de terra batida, do gosto dos umbus verdes, das noites iluminadas pelos astros, do cheiro do curral. No panfleto *Alto Bonito*, surgem os lampejos da experiência de menino de arraial:

Desde que Paulo Afonso chegou ao Alto Bonito, que sonhava com uma oportunidade de ir lá, à noite, para apreciar a iluminação na terrinha onde vivi a minha infância. Naquele tempo só se via rua clara no Alto Bonito quando a lua exibía sua cara redonda, “prateando a solidão, como diria Catulo...” De dia, eram os cavalos de pau e as arapucas nas capeiras de cansa-cavalo ou moleque-duro da casa de Báia... [...] Naquele tempo Alto Bonito não tinha rádio de pilhas, não tinha Paulo Afonso, não tinha televisão... [...] tinha umbuzeiros dos pastos de Amado Bahia, alegria dos meninos... E a mangueira de Papai em cuja sombra se fazia a feira, onde se vendiam brevidades e pipocas de goma de Mitila. E a boniteza marcante de Vicentina, a menina mais bonita do arraial! [...] Neste Alto Bonito de hoje sou quase um desconhecido. Parece que me vêem com cara de forasteiro... com ares de turista... [...] Alto Bonito! De Jeremias... De Mãe Andreza... Alto Bonito de meu gado de osso... Alto Bonito que já era... (MOTTA, 1978a).

De Alto Bonito, a família Motta mudou-se para a Fazenda Morro Alto. Nessa ocasião, Eulálio Motta tinha 12 anos: “Foi, salvo engano, em 1919 que deixamos Alto Bonito para morarmos no mato: F. Morro Alto. Ficaram para traz a vida no Alto Bonito, com nossos cavalos de pau, nossos currais de gado” (MOTTA, 1977, f. 40v°).

Aos 17 anos, com o objetivo de dar seguimento aos estudos, iniciados na vila do Alto Bonito, Eulálio Motta foi viver em Monte Alegre, onde trabalhou como

¹ Expressão utilizada por Eulálio Motta para se definir enquanto escritor.

balconista numa farmácia. Num panfleto publicado na década de 1980, Eulálio Motta recorda esse tempo do Monte Alegre:

Recordações de Monte Alegre

*Monte de Santa Cruz do Monte Alegre!
Contemplo-te de longe...
com uma vontade enorme
de ter ver de perto,
para recordação!
de quando te vi
pela primeira vez,
há mais de meio século,
em uma sexta-feira da Paixão...
penso na tua imutabilidade:
és o mesmo monte,
com as mesmas pedras
e curvas do caminho...
com aquele mesmo “abismo das alturas...”
aquela mesma paisagem deslumbrante...
aquela mesma beleza de horizonte...
Todavia, como tudo mudou, Monte Alegre querido!
até teu nome
que não lembra mais o teu monte
que não faz lembrar teus peregrinos
nas tuas sextas-feiras da Paixão
Recordar, às vezes, é bem triste...
[...]
Ponto final em tal recordação...
Antes que venha à tona
uma ilusão
que se tornaria
meu tormento...
minha loucura...
minha obsessão... (MOTTA, 1983).*

Eulálio Motta mudou-se para Salvador em 1925, e, segundo consta em seus versos, a jovem teria se casado com outro. Diante da impossibilidade de ser correspondido, ele decide não ter outro amor, declarando isso em vários poemas e cartas a amigos.

Pensamento de celibatário

*Envelhecendo, e... solteiro!
Até que não se acredita:
Ficar solteiro no meio
de tanta moça bonita
Vida calma, vida livre,
minha vida sem mulher!*

*Mas... tremo ao pensar no fim!
Quando a velhice vier...*

*Não casar, nunca ter filhos,
é ter destino de bruto:
destino de mineral,
que não dá filho nem fruto! [...] (MOTTA, 1983, p. 84-85).*

Em 1925, Eulálio Motta ingressou no Ginásio Ipiranga com o propósito de continuar os seus estudos e fazer os preparatórios para ingressar na universidade. A capital revelou-se diante do jovem do interior com seus bondes, com a eletricidade, com os automóveis, bastante diferente do universo dos arraiais do sertão de Mundo Novo. A agitada vida cultural da capital, os professores, os colegas, o cinema e, sobretudo, os livros, influenciaram profundamente Eulálio Motta:

Quando comecei ver o mundo e sentir a fome dos “porquês”, o primeiro alimento que recebi foi o mais infame que se possa imaginar. A mais baixa expressão do mais torpe materialismo: “Palavras cínicas”, “Velhice do Padre Eterno” e outras desgraças. Depois Haeckel, Renan, Le Dantec, pedaços traduzidos de Voltaire e de Anatole... E pronto: tornei-me materialista fanático. E me enchia de bîlis contra a Igreja. E me inchava de orgulho, sentindo-me importante, “senhor do Universo”... (MOTTA, 1942, p. 2-3).

Essas leituras alteraram as concepções de mundo do jovem do interior, que chegou a se declarar ateu e se sentiu atraído para os ideais do comunismo: “Quando me interessava pelo Socialismo, li o ‘Destino do Socialismo’ de Otávio de Faria e achei seus argumentos irrefutáveis em defesa do Socialismo” (MOTTA, 1949, f. 6vº).

Eulálio Motta chegou a publicar um texto no jornal *Mundo Novo* declarando-se comunista e ateu. Essas declarações chegaram ao conhecimento de seu pai, que, pela sua formação religiosa e cultural, jamais toleraria um filho ateu e comunista. Por esse motivo, o Sr. Antônio Manuel da Motta, convencido de que a capital estava corrompendo o caráter do filho, exigiu que ele abandonasse os estudos e voltasse para o interior, como se observa num texto no jornal *Mundo Novo*:

Em 1925, deixei Monte Alegre, vim dar comigo aqui na Bahia. Dias depois conheci um rapaz que escrevia versos para “A Luva”. Pedi-lhe uma lição e ele me pintou a métrica como sendo um bicho de sete cabeças... Fiquei no mundo da lua. Não podendo continuar aqui por motivos que não valem a pena de lembrar, tive que voltar ao sertão. E, em 1926, eis-me novamente empregado de farmácia, não mais em Monte Alegre, mas em Mundo Novo. Ai, quando não estava ocupado a enrolar pílulas, escrevia versos (MOTTA, 1931a, p. 6, grifo nosso).

Eulálio Motta retornou a Salvador e não deixou de confessar sua simpatia aos ideais do comunismo, mas não voltou a se declarar ateu nem comunista. Entre 1931 e 1932, ele publicou textos, no jornal *Mundo Novo*, tratando do regime soviético:

Do “O Mez ilustrado” revista que se edita no Rio, transcrevi o que se segue: [transcreve um longo texto] (MOTTA, 1931b).

Eu quis transcrever os pontos principais do livro do Dr. Maurício de Medeiros. Maz, o livro é todo de pontos principais. Daí a necessidade que eu teria de transcrever todo o livro, o que não é possível num jornalzinho ainda pequeno como é o "Mundo Novo" (MOTTA, 1932b).

Durante muito tempo, Eulálio Motta tentou ocultar ou atenuar a sua adesão aos ideais comunistas e materialistas, porque, segundo ele, "não vale a pena lembrar".

Eulálio Motta retornou e fez os preparativos para ingressar na Faculdade de Medicina da Bahia, conseguindo matricular-se no curso de farmácia, mas permaneceu morando nas dependências do Ginásio Ipiranga. Além dos estudos convencionais, o Ginásio Ipiranga oferecia o regime de internato reunindo jovens não apenas da Bahia, mas também de outros Estados. Segundo anotações de Eulálio Motta no *Caderno Bahia Humorística*, a vida no Ginásio Ipiranga era bastante movimentada; debatia-se política, economia, história, literatura, recitavam-se poemas e promoviam-se concursos literários. No poema *Os outros e eu*, Eulálio Motta demonstra a heterogeneidade de pensamento dos jovens do Ginásio:

*O meu colega do quarto 5
é entusiasta do fascismo.
O do quarto 8 tem um Deus que é Hitler.
O do 12, mais brasileiro, é salgadista.
Crê em Plínio Salgado, todo poderoso
do integralismo
O do 15 acredita no catolicismo;
e o seu Deus no Brasil
é Tristão de Athayde.
Já o seu vizinho, o 16,
é católico também
e acredita no amor.
Tem um colega que não é nada
não crê em nada
não tem esperança de nada.
Eu nunca vi uma criatura
tão parecida comigo
como este colega.
Eu não sou nada
não creio em nada (MOTTA, 1933a, p. 44-45).*

No Ginásio Ipiranga, os jovens tinham contato com um universo cultural diversificado. Numa carta a Nemésio Lima, Eulálio Motta comenta o tempo do Ginásio Ipiranga e suas colaborações com sonetos e crônicas para a coluna *Rabiscos* do jornal *Mundo Novo*:

[...] Seu gesto de amor à terra toucou minha sensibilidade despertando imagens emotivas, com velhas recordações. Recordações de meus vinte anos com "Rabiscos" e sonetos para as colunas da gazetinha de Nemésio Lima, [...] Lembro-me que, então, eu dizia: "Nunca terei saudade desta vida vivida no Ipiranga."

E agora 50 anos depois, repito: nunca terei saudade daqueles dias... Um amor impossível que me atormentava naqueles dias [...] Meu caro, que Deus lhe (pague este presente que mexeu muito com esta emotividade que os janeiros acumularam em mim – conforme 1ª situação) porque este presente que me mexeu muito com esta emotividade que os janeiros acumularam dentro de mim... [...] (MOTTA, 1978a, f. 11vº e f. 12rº).

Foi no Ginásio Ipiranga que ele conheceu Jorge Amado, com quem manteve amizade e se correspondeu ao longo da vida. Na segunda edição do livro de poesias *Canções do meu caminho*, Eulálio Motta inicia a obra transcrevendo a opinião de Jorge Amado: “Do melhor da literatura nacional: NÃO SEJA MODESTO, SUA POESIA É DA MELHOR QUALIDADE, APENAS VOCÊ A ESCONDEU DE TODOS” (MOTTA, 1983, p. 2). Jorge Amado foi a figura pública mais evocada pelo escritor mundonovense para opinar e avaliar sua poesia.

Em 1929, Eulálio Motta e Jorge Amado publicaram juntos dois poemas na *A Luva*. O tom humorístico dos poemas aproxima-se das epigramas, típicos dos jovens poetas da *Academia dos Rebeldes* e discípulos de Pinheiro Viegas:

**Elles e... Ellas
a uma feia**

*Você vive zangada comigo
sem razão.
Zangar-se assim tão sem razão, porque?
Porque somente
já lhe disse alguém
que vivo morto de paixão
por você?
Isto é tolice, “essa menina”, creia!
Não passa de pilheria dessa gente
brincando com você
porque
jamais me apaixonei por moça feia (Eulálio Motta).*

A uma bonita

*Estás zangada commigo
com razão
se bem e uras que não.
Eu te digo,
o motivo
que bem patente e vivo,
em teus olhos leio
É que
não sei porque
não adoras
nem namoras
rapaz feio... (Jorge Amado)
(A LUVA, 1929).*

No jornal *Mundo Novo*, de 5 de fevereiro de 1932, Eulálio Motta escreveu um artigo sobre a publicação da novela *Lenita*, de autoria de Jorge Amado, Dias da Costa e Edson Carneiro. No texto, Eulálio Motta elogia a novela, contrariando a opinião da crítica literária da época, que não viu qualidades na obra.

Lenita

[...]

Pode o leitor amigo jogar fora este pensamento porque a “Lenita” a que me refiro é feita de coisa muito diferente - é feita de talento. É um romance ou novela escrita por Jorge Amado, Dias da Costa e Edson Carneiro. O primeiro, de quem tenho a honra de ser muito amigo, é o maior talento que já conheci. Falando sobre êle, disse-me, certa vez, Alves Ribeiro: “Jorge Amado é um talento como eu nunca vi nem nunca ouvi falar”. Quem conhece Jorge, quem lê o que lhe sae da pena, não acha exagero nas palavras de Alves Ribeiro. Os outros dois, Dias da Costa e Edson Carneiro, são também, duas grandes inteligências que toda Bahia conhece e admira.

Mas não lhes quero escrever elogios. Não vale a pena. Os adjetivos estão estragados, desmoralizados.

[...] (MOTTA, 1932c, p. 6).

No romance *Gabriela, cravo e canela: crônicas de uma cidade do interior*, Jorge Amado apresenta o personagem Argileu Palmeira, um poeta de Mundo Novo (BARREIROS, 2012, p. 44). Quando a novela *Gabriela, cravo e canela* foi veiculada pela televisão, em 1975, Eulálio Motta escreveu um panfleto intitulado *Aos telespectadores da “Gabriela”: “Poeta” com aspas*, no qual comenta sobre a sua amizade com Jorge Amado e a possível relação entre essa amizade e a construção do personagem Argileu Palmeira. No referido panfleto, Eulálio Motta comenta: “[...] Não creio que tenha feito isto com a intenção de “bolir” com o antigo companheiro de lides ginásianas” (MOTTA, 1975a). No panfleto, *Aos telespectadores da “Gabriela”: “Poeta” com aspas*, Eulálio Motta revela importantes detalhes da convivência com Jorge Amado no Ginásio Ipiranga e sobre a capacidade do novelista em escrever narrativas e criar personagens emblemáticos para suas obras.

Ainda nos tempos do Ginásio Ipiranga, Eulálio Motta conheceu Adonias Filho, com quem manteve amizade. No *Caderno Bahia Humorística*, há relatos dessa convivência:

[...] 18-10-933 - Hoje{me levantei tarde}{↑amanheci cerrado no sono.] Eram mais de oito horas. Sol no meio do céu. Uma gargalhada de Adonias me acordou.
Adonias lia “Única” a revista da “elite” intelectual de S. Salvador:
[...] (MOTTA, 1933b, f.4rº, f. 4rº e vº).

Em 1936, Adonias Filho e Eulálio Motta voltam a se encontrar e viajam juntos para o sul da Bahia em campanha pela Ação Integralista Brasileira. Há também no acervo de Eulálio Motta um cartão no qual Adonias Filho solicita avaliação dos originais de um dos seus romances, evidenciando o nível de amizade entre os dois escritores.

Em 1931, ele publicou em Salvador, pela gráfica da revista *A Luva*, seu primeiro livro de poesias, intitulado *Ilusões que passaram...* e, em 1933, publicou o segundo também de poesias, intitulado *Alma enferma*, editado pela Imprensa Vitória, em Salvador. A imprensa soteropolitana noticiou a publicação do livro *Alma enferma*.

Em 1933, Eulálio Motta concluiu o curso de Farmácia pela Faculdade de Medicina da Bahia, deixou a cidade de Salvador e retornou a Mundo Novo, onde, em 1948, publicou mais um livro de poesia intitulado *Canções de meu caminho*, que foi reeditado provavelmente em 1983, com o título *Canções do meu caminho*.

A partir de 1931, ele retomou com afinco uma tendência humorística que já existia em suas trovas e nos textos publicados no jornal *Mundo Novo*, na coluna *Rabiscos*. Ressurgiu, então, o antigo Liota, pseudônimo que Eulálio Motta utilizava nos textos humorísticos e nas trovas. Nessa nova fase, o humor passou a ser encarado como um projeto literário e, como parte desse projeto, em 1933, ele esboça um livro de causos engraçados intitulado *Bahia Humorística*.

CONCLUSÕES

O acervo de Eulálio Motta permitiu esboçar os itinerários de suas memórias e a escrita de uma narrativa sobre a vida do escritor. Considera-se essa narrativa como autobiográfica porque ela emana de uma imagem de si forjada por Eulálio Motta na escolha e organização dos documentos arquivados. O escritor selecionou cuidadosamente os documentos, estabeleceu uma ordenação com vistas a um futuro “leitor”. Assim como numa autobiografia, o autor tentou controlar as informações a respeito de si, através de um sistemático exercício retórico. Todas essas características inerentes às autobiografias foram identificadas na constituição do acervo de Eulálio Motta.

A única fonte sobre a vida do escritor é o seu acervo. Nesse sentido, esse conjunto de documentos passou a ter autoridade como os arcontes gregos, capaz de instituir uma verdade. O que se sabe sobre Eulálio Motta está em seu acervo. É como a voz do oráculo sussurrando, decifra-me ou te devoro!

THE WRITER’S ARCHIVES AND HIS (AUTO)BIOGRAPHICAL ITINERARY

Abstract: This is a study of the Eulálio Motta archive and the potential of this documentation to understand the production strategies of self. The research is subsidized in the approaches of the social practices of writing itself (GOMES, 2004; FOUCAULT, 1992); archive of self and building itself (HEYMANN, 2011; ARTIÈRS, 1998); the mechanisms used by individuals to forge their identities (RICOEUR,

2007; BOURDIEU, 2006); by studies on the writers archive (BORDINI, 2005; VE-NÂNCIO, 2004); and the reflections of Nora (1994) about memory places.

Keywords: Archives. (Auto)biography. Eulalio Motta.

REFERÊNCIAS

A LUVA. Salvador, 16 jun. 1929.

ARTIÈRS, P. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

BARREIROS, P. N. *Sonetos de Eulálio Motta*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

BORDINI, M. da G. Acervos de escritores e o descentramento da história da literatura. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 11, p. 15-23, 2005.

BOURDIEU, P. A Ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

DERRIDA, J. *Mal de arquivo, uma impressão freudiana*. Tradução Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994 [1987].

ELIAS, N. *O processo civilizador, uma história dos costumes*. Tradução Ruy Jungmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011 [1939].

FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Tradução Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. 2. ed. Lisboa: Passagens, 1992.

FRAIZ, P. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 59-87, 1998.

GOMES, A. de C. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEYMANN, L. Q. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 41-66, 1997. Disponível em: <<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/285>>. Acesso em: 3 jan. 2011.

HEYMANN, L. Q. De “arquivo pessoal” a “patrimônio nacional”: reflexões acerca da produção de “legados”. In: Seminário PRONEX Direitos e Cidadania – CPDOC/FGV, 1., 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2005. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/Producao_intelectual/htm/tp_download.htm>. Acesso em: 3 jan. 2011.

HUYSEN, A. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos e mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação, como extensão do homem*. Tradução Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007 [1969].

- MOTTA, E. de M. Rabiscos: Dois livros. *Jornal Mundo Novo*, Mundo Novo, 6 nov. 1931a. p. 6.
- MOTTA, E. de M. Rabiscos: Comunismo. *Jornal Mundo Novo*, Mundo Novo, 24 jul. 1931b. p. 4.
- MOTTA, E. de M. Rabiscos: Liberato “Adios”. *Jornal Mundo Novo*, Mundo Novo, 23 out. 1931c. p. 2.
- MOTTA, E. de M. Rabiscos: Retalhos. *Jornal Mundo Novo*, Mundo Novo, 20 nov. 1931d. p. 6.
- MOTTA, E. de M. Rabiscos: Pensando no sonho... *Jornal Mundo Novo*, Mundo Novo, 16 jun. 1932a. p. 6.
- MOTTA, E. de M. Rabiscos: “Russia”. *Jornal Mundo Novo*, Mundo Novo, 15 abr. 1932b. p. 6.
- MOTTA, E. de M. Rabiscos: Lenita. *Jornal Mundo Novo*, Mundo Novo, 5 abr. 1932c. p. 6.
- MOTTA, E. de M. *Alma enferma*. Salvador: Imprensa Vitória, 1933a.
- MOTTA, E. de M. *Caderno Bahia Humorística*. 1933b.
- MOTTA, E. de M. *Evocações, Eureka*. Mundo Novo: Avante, 1942.
- MOTTA, E. de M. O que importa. *Panfleto*, Mundo Novo, nov. 1949.
- MOTTA, E. de M. Aos telespectadores da “Gabriela”: “Poeta” com aspas. *Panfleto*, Mundo Novo, 13 out. 1975a.
- MOTTA, E. de M. O melhor café do mundo. *Panfleto*, Mundo Novo, 31 out. 1975b.
- MOTTA, E. de M. O telefone. *Panfleto*, Mundo Novo, 28 mar. 1977.
- MOTTA, E. de M. Alto Bonito. *Panfleto*, Mundo Novo, 1978a.
- MOTTA, E. de M. A Maior. *Panfleto*, Mundo Novo, 1978b.
- MOTTA, E. de M. *Canções do meu caminho*. 2. ed. 1983.
- NORA, P. Entre memória e história, a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, 1993.
- PESAVENTO, S. J. *História e história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PLATÃO. *Fedro ou da Beleza*. Tradução Pinharanda Gomes. 6. ed. Lisboa: Guimarães, 2000 [sec. III a.C.].
- RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. Tradução Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994.
- RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François et al. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- VENANCIO, G. M. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, A. de C. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 111-137.

Recebido em janeiro de 2015.

Aprovado em março de 2015.